

BIMILENARIO DEL ANFITEATRO ROMANO
DE MÉRIDA

Coloquio Internacional
El Anfiteatro
en la Hispania Romana

Mérida, 26 - 28 de Noviembre 1992

Este libro no deberá ser reproducido, ni total ni parcialmente, sin el previo permiso expreso y escrito del editor. Cualquier utilización no autorizada de esta obra, o parte de ella, en otras publicaciones (incluidas las de soporte electrónico) viola los derechos editoriales y de autor.

JUNTA DE EXTREMADURA
Consejería de Cultura y Patrimonio
Consejero: Excmo. Sr. D. Antonio Ventura Díaz
Director General de Patrimonio Cultural
Ilmo. Sr. José M.ª Soriano Llamazares

Coordinación:

J.M. Álvarez Martínez
J.J. Enríquez Navascués

1ª edición: octubre 1994

© Autores

© Junta de Extremadura. Consejería de Cultura y Patrimonio.

Printed in Spain/ Impreso en España

I.S.B.N.: 84-88956-10-K

Depósito Legal: BA-220-1995

Fotocomposición: Ramón Garrido García

Impreso en Badajoz por INDUGRAFIC, S.L.

Foto portada: Grabado del Anfiteatro Romano de Mérida de De laBorde (foto Museo Nacional de Arte Romano de Mérida)

O ANFITEATRO DE CONIMBRIGA

NOTA PRELIMINAR

Virgílio Hipólito Correia
(Museu de Conimbriga)

1. INTRODUÇÃO

O anfiteatro de Conimbriga foi identificado através dos vestígios que dele sobrevivem em alçado, conservados sob as casas da aldeia de Condeixa-a-Velha. As construções populares assentaram directamente sobre a estrutura das entradas, preservando-as, e a parcerã descida de nível de terrenos na zona exterior do monumento expô-las, levando ao seu reaproveitamento como instalações para gados e como anexos das habitações.

Registado e verificado o seu traçado, e impondo-se a identificação de tais estruturas como pertencentes a um anfiteatro, não só pelas características das estruturas mas pela própria localização do monumento, foi elaborada uma restituição preliminar, sumária, que tem sido utilizada em todas as plantas de Conimbriga até à data publicadas, tendo já ampla divulgação bibliográfica¹.

Trabalhos posteriores de verificação dos vestígios existentes e de estudo do traçado sugerido pelas estruturas, levariam a propôr uma restituição diferente (de dimensões ligeiramente maiores e de estrutura bem diversa), sem que no entanto fôsse maior o grau de confiança disponível: a restituição levantava em todo o caso várias questões, nomeadamente tornando necessária investigação complementar que confirmasse ou infirmasse algumas das hipóteses em que se baseava e que permitisse elucidar outros pontos como o da cronologia da construção e seus aspectos estruturais e decorativos.

Tal investigação, dada até a dimensão calculada do monumento, só pode ser levada a cabo através de um programa faseado de escavações, obedecendo aos seguintes factores de análise cuja ordem não é arbitrária:

- 1 - verificação do traçado básico da estrutura e do seu estado de conservação.
- 2 - análise das suas relações estratigráficas, designadamente com a muralha Baixo-Imperial (com prováveis implicações na determinação da data de construção desta) e com a estrutura urbanística adjacente (de especial importância relativamente à renovação da rede viária conexas à construção do *forum* flaviano).
- 3 - determinação da data de construção e de eventuais remodelações do monumento.
- 4 - estudo das características arquitecturais do monumento.
- 5 - avaliação do grau de conservação das estruturas em geral e decisão sobre a extensão a valorizar.

É a divulgação dos dados já conhecidos e dos resultados de uma primeira campanha de pequenas sondagens, que prosseguiram alguns dos objectivos acima expostos, que aqui ensaiamos.

1. ALARCÃO, Jorge de e ETIENNE, Robert: *Fouilles de Conimbriga - I* e I** - L'Architecture*; Paris, 1977. Pl. LII.
GOLVIN, Jean-Claude: *L'Amphitheatre Romain*; Paris, De Boccard, 1988, (Publications du Centre Pierre Paris 18), p. 126.

2. OS DADOS CONHECIDOS

O vale de Condeixa-a-Velha delimita, a norte, o esporão onde se situa o núcleo da cidade romana de Conimbriga, sendo formado por parte do “canhão” do Rio dos Mouros, formação fluvio-cárstica relativamente recente (Riss-Würm ?)² que cortou a formação conhecida como “Tufos de Condeixa”, formação calcária quaternária que constitui o substrato geológico da área³. De paredes muito abruptas, entre outras razões pela sua relativa juventude, este canhão, parcialmente integrado no perímetro da muralha augustana, constitui um “contentor” natural para o anfiteatro, cujas *caveas* evitaram assim os trabalhos mais vultuosos de uma construção exenta.

É precisamente no eixo do vale de Condeixa que se conservam os vestígios mais sólidos do anfiteatro, fenómeno que atribuímos a dois factos correlativos. Primeiro: no eixo do vale as fachadas construídas serem mais robustas, dado o maior alçado que tinham de compreender; segundo: tratando-se de uma zona de maior deposição natural de sedimentos e tendo sido mais rápido o preenchimento das ruínas, foi menor a acção dos factores de destruição. É precisamente na parte jusante do canhão que se encontra a parte principal das estruturas que se conheciam do anfiteatro, constituindo a base de um edifício da aldeia de Condeixa-a-Velha, e que se apresenta como um conjunto de três profundos espaços abobadados.

O traçado angular dos muros dita o perfil fusiforme das abóbadas cujo desvio relativamente à horizontal é da ordem dos 6%. De maior vão, a abóbada central; as laterais, simétricas, são rasgadas, na parede que suportaria o enchimento do anfiteatro, pelo que é necessário interpretar como acessos a escadas. A estreita abertura no aparelho é fechada por um lintel de padieira reforçado por um arco adintelado em tijolo. Uma delas, actualmente mais exposta, apresenta-se entaipada por um pano de alvenaria em tudo semelhante à da restante construção, pelo que não sabemos se estamos perante um dispositivo de acesso planeado mas nunca completado e oculto durante a finalização da construção, ou se perante um vestígio de uma remodelação posterior.

Utilizou-se para a construção dos muros do anfiteatro um pequeno aparelho de pedra calcária (a “pedra de Alcábidique”), relativamente regular, classificável sem hesitação como *opus vittatum*. Sobre este aparelho assentam as abóbadas, construídas com recurso à utilização de cofragens (restam os orifícios onde se encastraram as traves que as suportaram) sobre as quais foram colocadas, de cutelo, as pedras calcárias, relativamente pouco espessas, que formam a estrutura. O fecho da abóbada é garantido por pedras de maior dimensão. O corrimento posterior das argamassas, relativamente liquefeitas, deixou, a espaços, os negativos das pranchas das cofragens; apenas vestigial nas entradas oeste, expostas há mais tempo e degradadas, este fenómeno pôde ser verificado na abóbada que se mantém soterrada.

Dos vestígios existentes era claro estarmos perante um anfiteatro com dimensões próximas dos 98 x 86 m. O traçado restituível do anfiteatro, a sul, parecia também indicar, sem margem para dúvidas, que a extremidade do seu eixo menor se situaria num ponto limite do planalto da cidade, dentro da área delimitada pela muralha baixo-imperial), sendo portanto lógico que aí, e a nível superior, existissem entradas que, sem alterações de nível importantes, conduzissem os espectadores das ruas que partem do *forum* para norte até um espaço de circulação que os distribuiria junto da *suma cavea*. As entradas construídas com maior alçado, que se supunham simétricas, fechariam o vale, formando (até pela sua localização em termos urbanísticos) as entradas “de maior volume”. O estado dos vestígios deixava, porém, demasiados pontos em claro.

Temos, no entanto, os dados suficientes para analisarmos uma questão que não é de somenos importância, a articulação do anfiteatro com a restante mancha urbanizada. Primeiro ponto: a localização do monumento dentro da área delimitada pelo perímetro amuralhado augustano.

2 CUNHA, Lúcio: *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de geomorfologia*: Coimbra, INIC, 1990 (Geografia Física - 1), p. 212.

3 CUNHA op. cit. nota 2, p. 147-148, 163.

A muralha augustana rodeia o vale do anfiteatro de uma forma que não pode ser considerada casual; é, de facto, menosprezável a extensão de terreno plano, próprio para construção, da elevação oposta ao planalto de Conimbriga, que engloba para que o traçado escolhido possa ser atribuído a uma eventual necessidade de espaço a urbanizar. O anfiteatro surge assim como um ponto fulcral no traçado escolhido, que responderia a um requisito básico, englobar o monumento, ou o espaço a ele destinado.

A sua localização dita uma posição no urbanismo de Conimbriga que é simultaneamente excêntrica e fulcral. Excêntrica porque o anfiteatro se situa praticamente no limite da cidade, mas fulcral pela malha de ruas que aparentemente centraliza e que, negociando importantes declives, o ligam ao *forum* e às ruas mais centrais e, certamente, à porta que no fundo do vale rasgava a muralha, que se localizaria assim a escassas dezenas de metros das entradas oeste do monumento e quase axialmente disposta relativamente a ele.

Do lado oposto, um dos principais acessos ao anfiteatro era sem dúvida a via que a ele se dirigia de leste, implantada na depressão fluvial ligada ao canhão onde ele se implantou e que, desempenhando naturalmente o papel de eixo da rede de drenagem de uma vasta área da cidade deve ter sido, num determinado momento, transformada em rua, com a drenagem encanada no seu sub-solo. A importância desta via é testemunhada pela dimensão do edifício a que viria a suceder a Casa dos Repuxos, que para ela abria uma notável fachada de *tabernae*. O cruzamento desta via com outra, que da parte alta da cidade se dirigia a noroeste (na direcção de *Aeminium*) levou à criação de um dispositivo interessante - e raro na arquitectura romana - o viaduto, aqui materializado num arco de três aduelas de tijolos, com cerca de três metros de vão, erguido a cerca de 6 m de altura numa estrutura construída em *opus vittatum*, com um interessante paralelo no *Arco Felice* que cruza a *via Domiciana*⁴.

Junto a este viaduto, e parcialmente aproveitando a sua estrutura, ergueu-se um edifício de planta complexa, de que pouco sabemos.

A planta quase quadrada do edifício é dividida sensivelmente a meio por uma fiada de quatro pilares - em grande aparelho almofadado, que forma também as esquinas - irregularmente dispostos, sobre os quais ainda se conservam os vestígios dos arranques de arcos em tijolo que, entre os pilares e os arranques que ainda se conservam nas pilastras adossadas às paredes, suportariam o pavimento que cobriria a "nave" oeste do edifício. A inexistência de dispositivos semelhantes do lado leste levam-nos a restituir o arranjo interno do edifício como um espaço largo e alto deste lado e espaços subdivididos em altura a oeste. É necessário entender o edifício como compreendendo pelo menos dois pisos - o que o traria acima do nível da via - com o acesso entre eles assegurado por escadas instaladas no espaço deixado entre os últimos pilares a sul e o muro de suporte do viaduto.

Não conhecemos nenhum paralelo imediato para esta construção, mas a sua localização, o facto evidente de se tratar de uma estrutura planeada para responder a necessidades menos comuns e bem determinadas, o seu "volume" enfim, levam-nos a pôr a hipótese de se tratar de um edifício acessório do anfiteatro, uma espécie de *choragium*. É evidentemente elusiva a corroboração arquitectónica ou arqueológica desta hipótese, mas a existência de um edifício de marcadas características monumentais, localizado a menos de cinquenta metros do anfiteatro, na mesma via que lhe dava acesso, parece impôr esta associação.

Outro edifício que cremos necessário valorizar, ao tratar do anfiteatro, é a Casa do Tridente e da Espada. A sua localização e os motivos que decoram o seu pavimento, constituem uma associação reveladora.

As três salas que são conhecidas sob esta designação jazem parte de um edifício maior, organizado à volta de um pequeno peristilo, de que constituem uma ala, constituída por três salas consecutivas, divididas por pequenos segmentos de muros, com uma entrada numa das extremidades.

4. ADAM, Jean Pierre: *La construction Romaine*; Paris, Picard, 1989, p. 311.

Não estamos em condições de identificar em pormenor a restante estrutura da casa, da qual sabemos apenas que se organiza à volta de um pequeno pátio porticado, mas sabemos que a ala em questão, sem acesso directo ao peristilo, se compõe de um rectângulo de 3 x 8 m com porta a oeste, no qual pequenos segmentos de muro compõem um enfiamento de três salas de que a divisão é reforçada pelo distinto tratamento do mosaico que reveste o pavimento. Assim, da entrada para diante, temos três pavimentos revestidos por mosaico bícromo, de que o primeiro e o último são decorados por uma composição ortogonal de quadrados negros, tangentes entre si nos vértices, que desenham grandes quadrados concêntricos limitados por listéis paralelos às paredes da sala, enquanto no central, sobre fundo negro, se recorta uma rede aberta nas extremidades laterais, providas de pesos circulares com perfuração central, regularmente dispostos e, nas extremidades que ocupam os topos da sala, faixas que podem facilmente ser interpretadas como bandas de tecido providas de pegas. Trata-se de uma representação, por demais realista, do que dificilmente seria uma rede de pesca (que aliás seria um objecto exótico em Conimbriga) mas mais propriamente o objecto epónimo do *retiarium*.

A passagem da primeira à segunda sala é marcada por um tapete delimitado por uma cartela e preenchido por dois triângulos opostos ligados por um listel, enquanto na passagem da sala central para a do fundo encontramos, desenhados com a máxima simplicidade e sem cartela, um tridente e uma espada de punho bem marcado com uma laçada pendente do punho. Estamos perante as armas do *myrmillo*.

Se motivos ligados aos jogos do anfiteatro são comuns como tema decorativo em mosaico, devemos no entanto abrir um parêntese para este caso específico, em que vemos apenas os adereços dos *munera* adaptados à bicromia do pavimento, passando, no caso da rede, a constituir o próprio motivo geometrizado. Por outro lado a estrutura desta ala da casa é bem distinta do que conhecemos da disposição de *cubicula*, não só nas residências de Conimbriga mas mesmo alargando a nossa pesquisa a um espaço maior. Devemos no entanto mencionar - sem tentar forçar a nota, mas tentando caracterizar adequadamente esta construção - que é semelhante à ala norte do edifício anexo ao *Ludus Magnus*, localizado sob a *vía dei Normanni*⁵.

O acesso da casa deveria ser feito por uma rua ainda não identificada, a oeste - não nos parece que, por muito que a construção da muralha baixo-imperial possa ter alterado o relevo, o pendor natural do terreno tenha alguma vez permitido a existência de construção para leste - precisamente a zona dos acessos "nobres" à zona superior do anfiteatro.

O aparato edilício anexo aos anfiteatros, bem testemunhado pelas construções domiciâneas nas vertentes oeste do Celio deve ter também encontrado eco nas províncias, pelo que não será despropositado fazer o levantamento destas hipóteses a confirmar - ou não - por trabalhos subsequentes.

Em suma os dados de base com que trabalhamos são os da existência de um edifício, de que dispomos de informações rudimentares, mas suficientes para afirmar que a sua esfera passaria bem mais longe do que a linha do seu muro perimetral. A economia de meios a que somos forçados, impede o lançamento de um projecto que possa tocar todas estas questões mas o seu levantamento é, cremos, por si só importante.

3. OS TRABALHOS DESENVOLVIDOS

A prospecção detalhada das estruturas do anfiteatro revelou-se uma tarefa de delicada execução, pois a área do monumento encontra-se ocupada por habitações - onde a prospecção se teve que limitar a avaliar, pelo exterior e tão só nos pontos onde os rebocos das casas se encontram degradados, da eventual sobrevivência em alçado e integrados nas construções actuais, de muros do monumento romano - e

5. COLINI, A.M. *Storia del Celio*, Roma, 1962, p. 62. GOLVIN op. cit. nota 1, p. 149.

respectivos quintais - onde o cultivo obliterou todas as evidências e onde os muros de suporte dos socalcos podem ter tanto de convincente como de enganador. A identificação de restos de muros antigos sob as construções modernas que sobrepõem a área norte do monumento, que num determinado momento interpretámos como muros de divisão do maciço da *cavea* - o que, aliás, condicionou a programação dos nossos trabalhos - foi a conclusão maior destes levantamentos; como veremos as questões levantadas ficam em aberto: não se tratando de muros estruturais poderemos estar perante o resto de *carceres* ou, menos provavelmente, de um *sacellum*, mas esta questão só poderá ser resolvida por escavações cuja execução é, pelo menos, delicada.

A necessidade de proceder a sondagens probatórias de algumas hipóteses colocadas levou à organização, durante parte do mês de Julho de 1992 em colaboração com o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e a Direcção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico de uma curta campanha de sondagens em pontos estratégicos da zona, tendo em vista, com toda a economia de meios que a situação actual da arqueologia portuguesa exige aumentar um pouco os nossos conhecimentos deste monumento. Dirigiram os trabalhos, Conceição Lopes (do Instituto de Arqueologia), José Carlos Caetano (da Direcção Regional do IPPAR) e o signatário; foram operadores da escavação alunos de Universidades portuguesas que, conjuntamente com a escavação, frequentaram um estágio prático de arqueologia que o Museu de Conimbriga organizou.

Situados maioritariamente sob terrenos privados, o que condicionou em alguma medida a escavação, foram marcados oito cortes que, esperávamos, viessem a fornecer algumas indicações decisivas para a futura organização de campanhas de escavação mais substanciais.

3.1 Cortes 1 a 3

Na área em que as restituições propostas indicam ter a muralha sobreposto o anfiteatro, marcámos três áreas de 4 m. de base, perpendiculares àquela, tendo em vista vir a encontrar a estrutura de possíveis entradas situadas nesta extremidade do eixo menor que, mais próximo do centro da cidade e ligado à zona do *forum* por eixos viários de alguma importância, poderiam eventualmente revestir-se de um carácter monumental mais marcado.

A complexidade da estratigrafia relacionada com a ocupação baixo-imperial e alto-medieval da zona, obrigou no entanto a uma morosa escavação e à preservação de alguns vestígios, tornando impossível prosseguir os trabalhos. Até se retirarem conclusões sobre as estruturas, o que só poderá ser feito a um prazo mais longo, não detalharemos mais a problemática destes cortes.

3.2. Corte 4

Pretendia-se, com a implantação escolhida para o corte 4, verificar a existência de estruturas de possíveis *vomitória* implantadas na bissectriz dos eixos maiores, o que nos era sugerido pela irregularidade da distribuição radial dos vestígios de muros conservados no sector noroeste. Aliás as condições do terreno no sector sudeste, de cota bastante elevada, reuniam as maiores possibilidades para verificar no geral as características da *cavea*, entre as quatro zonas teoricamente possíveis. Por outro lado, a proximidade da muralha permitia colocar a hipótese de obter estratigrafias reveladoras relacionando uma e outra estrutura. Como veremos as nossas hipóteses terminaram em negativas mais ou menos rotundas.

Foi implantada uma vala transversal (em relação ao eixo menor do anfiteatro) com dez metros de comprimento por dois de largura. Escavada na sua quase totalidade, a sua profundidade foi apenas limitada. no fim dos trabalhos a uma pequena sondagem que atingiu o tufo da base. Pobre em achados. cremos de qualquer forma importante detalhar a estratigrafia detectada.

A sequência estratigráfica do corte 4, documentada no seu perfil sul, é a seguinte:

- camada 1 - estrato de terra cinzenta pulverulenta (relacionado com o despejo de terras de escavação da parte superior do planalto).

- camada 2 - estrato de areão e argamassa, de cor amarelo claro, lenticular e limitado ao canto sudeste do corte, a relacionar com os fundamentos de um dos cubelos da muralha cujos restos são visíveis nessa área.

- camada 3 - espesso estrato de argila vermelho escuro a púrpura acastanhado, de compactidade irregular, incluindo na base algumas lenticulas de areão e argamassa, e algumas pedras dispersas.

- camada 4 - camada de blocos de tufo e de calcário do Dogger, directamente assentes sobre o tufo da base e embebidos pela camada anterior.

Toda a camada 3 se revelou imperturbada em momentos posteriores à sua deposição, pelo que podemos afirmar que não existiram aqui perfurações dirigidas ao roubo de pedras. A continuidade da camada 4, sem qualquer vestígio de arranque ou basamento de muro corrobora também a afirmação de que não existiu aqui qualquer estrutura construída desde a base como seria, segundo a nossa hipótese original, uma separação dos caixotões da *cavea*, aproveitados para instalar acessos para os espectadores.

A não detecção das estruturas que postulávamos não significa que não tenham existido *vomitória* nesta direcção, significa tão só que estas não eram construídas sobre muros estruturais de divisão do maciço da estrutura, mas que, dando acesso aos *maeniana* superiores, perfuravam a *cavea* a cotas mais altas. Esta hipótese, por outro lado, articula-se bem com a restituição de uma provável galeria de distribuição, perimetral, com acesso directo do exterior no extremo sul do eixo menor.

Veremos as implicações deste facto, entre as quais ressalta o facto de parecer possível afirmar que a divisão em caixotões divisórios do enchimento do anfiteatro não existia, pelo menos do lado sul e talvez em todo o perímetro do monumento.

A já conhecida escassez de fundações da muralha baixo-imperial repetiu-se aqui, sendo a esterilidade absoluta do estrato com ela relacionado uma característica malogradamente comun em toda a cidade.

3.3 Corte 5

Profundamente condicionado na sua implantação e na amplitude permitida aos trabalhos pelo proprietário do terreno, este corte, que pretendia atingir a arena (verificando a sua cota de funcionamento) e, eventualmente, o muro do *podium*, revelou-se inconclusivo.

3.4 Corte 6

Pretendia-se com a implantação do corte 6 atingir, numa escavação em profundidade, o canto da estrutura da entrada oeste, verificar a cota de funcionamento dessa entrada e verificar o estado de conservação desta área do monumento.

Inicialmente prevista como um quadrado de 5x5m a zona efectivamente escavada em profundidade limitou-se a uma área de 2x5m limitada num dos lados pelo topo de um muro, pertencente ao anfiteatro, que aflorava cerca de 30 cm relativamente à cota do terreno.

Detectado desde a superfície, o muro, que se comprovou corresponder ao limite sul da estrutura de arcos que formava a entrada leste, foi seguido em profundidade, tendo-se também detectado o muro perimetral conexo num estado de destruição que, como veremos através da estratigrafia, só é explicável

por uma demolição intencional da estrutura. A escavação de uma área limitada do enchimento do monumento confirmou as observações do corte 4: que era feito pelo carreamento de terras de várias origens e naturezas, mas em que são maioritárias as argilas avermelhadas, que são o solo base de toda esta zona.

Verifiquemos a sequência estratigráfica detectada, registada em três perfis:

- camada 1 - terra superficial, humosa, castanha, pouco compacta (revolvida pelas lavragens).
- camada 2 - terra castanho acinzentado escuro, muito compacta; rica em materiais, cobre parte do muro detectado.

Sob a camada 2 surgiram duas outras, completamente distintas:

- camada 3 - grande quantidade de pedras, embebidas em terra relativamente solta, cinzenta. As pedras rareiam no extremo noroeste do corte (camada 3a).

- camada 4 - argamassas e pedras, muito compactas. Em contacto directo com o muro.

Escavada a camada 3, verificou-se que esta tinha cortado a seguinte sucessão estratigráfica:

- camada 5 - terra amarelada com argamassa e pequenas pedras, com escasso material.
- camada 6 - terra de cor amarelada escura, com bastantes pedras.
- camada 7 - terra cinzento acastanhado, compacta, relativamente homogénea, que cobria parcialmente o muro perimetral do anfiteatro.

Sob a camada 7, expôs-se o muro perimetral do monumento, ainda parcialmente coberto por duas camadas, sucessivamente depositadas.

- camada 8 - estrato de blocos de argamassa e areias.
- camada 9 - terra avermelhada com muita argamassa.

Procedeu-se então à escavação da parte conservada do enchimento da *cavea*, composta pela camada 4, já referida e, sob ela, pelas seguintes:

- camada 10 - de argila avermelhada, compacta.
- camada 11 - de areão amarelado.
- camada 12 - de argila avermelhada (idêntica à camada 10)
- camada 13 - fino estrato de argamassa
- camada 14 - estrato de argila avermelhada com lenticulas de argamassa e areão.

A exiguidade do espaço forçou à interrupção da escavação nesta zona. O mesmo aconteceu na exterior do monumento, onde apenas se escavou uma pequena área, na qual se detectou uma outra camada:

- camada 15 - de pedras envolvidas por alguma terra cinzenta, cobrindo directamente a superfície de destruição do muro perimetral.

A verificação inequívoca do muro perimetral do monumento, a leste, é sem dúvida a primeira conclusão a reter; por outro lado, o traçado do muro detectado aqui e no corte 8, vem-nos mostrar que a estrutura da entrada leste, de muros paralelos entre si, é dissimétrica relativamente à outra conhecida, assim como também é diferente a sua estruturação interna.

Em termos de estratigrafia, a sua relação com os muros do anfiteatro oferece-nos uma série de complexos estratigráficos, nomeadamente o conjunto das camadas 4 e 10 a 14, correspondentes a material de construção do monumento (nomeadamente o entulho que suportaria a *cavea*); o conjunto das camadas 7 a 9 e 15, correspondentes a um momento de destruição activa das estruturas e 3, 5 e 6, que não sabemos se correspondem ainda a este momento ou a revolvimentos posteriores. As camadas 1 e 2 correspondem ao uso actual da terra, com o arranjo de socalcos para o cultivo.

A escassez de material recolhido não nos permitirá grandes precisões cronológicas, mas permitirá verificar a existência de um *terminus post quem* para a construção do monumento.

O material significativo proveniente do conjunto de estratos relacionados com a construção do anfiteatro inclui fragmentos de vasos em *terra sigillata* sud-gálica (uma taça Drag. 24/25, marmoreada.

datável entre 40 e 80^o e uma Hermet 25 do séc. I a inícios do II^o) e hispânica (uma taça Drag. 27, datável da segunda metade do séc. I^o) sendo naturalmente mais numerosa a cerâmica comum (um fragmento de fundo de pote coberto por engobe branco, atribuível aos séc.s I ou II^o, um fragmento de pote de cerâmica calcítica muito provavelmente pré-flaviano,¹⁰ e dois fragmentos de potinhos em cerâmica alaranjada decorada por traços brunidos, normalmente datáveis dos séc.s II e III mas conhecidos já no período claudiano¹¹) e um fragmento de uma provável *trulla* em vidro azul claro, do séc. I¹².

Dos estratos relacionados com a destruição do anfiteatro, em que o material foi recolhido em estado de fragmentação tão profundo que dificulta muito a sua análise, provêm peças de cronologia comparável (por exemplo um fragmento de uma jarra de forma Hispanica 1, datável do fim do séc. I ou inícios do séc. II¹³ e um fragmento de prato covo em cerâmica alaranjada fina com paralelos conhecidos em Conimbriga em níveis trajânicos¹⁴) e outras de datação muito mais tardia (nomeadamente um fragmento de pé de taça coberta por vidrado melado de antimónio, cuja atribuição ao período árabe é indiscutível¹⁵).

Não existem razões para atribuirmos o momento da construção do anfiteatro a qualquer momento posterior à segunda metade do séc. I e mesmo uma datação no período flaviano peca por excesso de rigor, pois não é necessário atribuir um longo tempo de vida aos vasos populares para, depois de fragmentados, se virem a depositar nos entulhos da estrutura, enquanto os fragmentos de *terra sigillata* autorizam sem problemas uma datação de meados do século.

Atribuímos grande valor ao fragmento de louça vidrada árabe que recolhemos na camada 3, a qual integrámos num momento de destruição e revolvimento posterior às demolições mais importantes e que - para além do facto de ser, em Conimbriga, um fabrico quase desconhecido-nos demonstra a continuação da ocupação nesta área, baseada sem dúvida nas encostas a norte do anfiteatro onde, no séc. X os documentos falam da "villa cova de Condessa domna Onega"¹⁶, e que opera sem dúvida grandes destruições sobre as ruínas da Cidade Morta.

3.5 Cortes 7 e 8

Os cortes 7 e 8 pretendiam verificar a existência de uma estrutura de entradas simetricamente disposta à já detectada, guiados pelo vestígio muito destruído de um arco, actualmente reduzido a uma estreita ponte sobre uma vala de drenagem.

O corte 7 permitiu verificar a integridade do extradorso de uma abóbada que, identificada um dos seus extremos no corte 8, levou à verificação da dissimetria da estrutura do anfiteatro.

Completamente ocupado pelas argamassas do plano de fecho da abóbada, sobre o qual só o muro sul da abóbada sul despona, permitiu apenas verificar a existência de alguns blocos de tufo colocados

10 - 92 F XIX 49 (12). v.d. VERNHET, A., *Centre de production de Millau: atelier de La Graufesenque*, in BEMONT, Colette e JACOB, Jean-Paul (dir.), *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire : implantations, produits, relations*. Paris, 1986 (Documents d'Archéologie Française n° 6). 96-102, p.102.

11 - 92 F XIX 49 (12). v.d. VERNHET op. cit. nota 6, p. 102.

12 - 92 F XIX 49 (12). C. f. MAYET, F.: *Les sigillées hispaniques*, in ALARCÃO, J. e ETIENNE, R. (dir.): *Fouilles de Conimbriga - IV - Les sigillées*, Paris, 1975.

13 - 92 F XIX 49 (12). C. f. ALARCÃO, J.: *Céramiques à engobe blanc*; in ALARCÃO, J. e ETIENNE, R. (dir): *Fouilles de Conimbriga - VI - Céramiques diverses et verres*, Paris, 1976, p. 59-64.

14 - 92 F XIX 49 (10). C. f. ALARCÃO, J., Jorge de: *La céramique commune locale et régionale*; (ALARCÃO, J. e ETIENNE, R.): *Fouilles de Conimbriga V*; Paris, 1975, n° 404a.

15 - 92 F XIX 49 (10). C. f. ALARCÃO op. cit. nota 10, grupo 22.

16 - 92 F XIX 49 (12). C. f. ALARCÃO, J.; Jorge de: *Les verres*; in ALARCÃO, J. e ETIENNE, R. (dir): *Fouilles de Conimbriga - VI - Céramiques diverses et verres*, Paris, 1976, n°s 46 e 47.

17 - 92 F XIX 49 (3) C. f. MAYET op. cit nota 8, n° 52.

18 - 92 F XIX 49 (5). C. f. ALARCÃO op. cit nota 10, n°s 369/487.

19 - MARTINS, José Luis de: *Malgas árabes do Cerro da Vila*; in *O Arqueólogo Português*, S. IV vol. 1; Lisboa, 1983. 375-390.

20 - FÉLIX, M.: *Sobre os topónimos Conimbriga, Condeixa e Alcabideque*; in *Conimbriga*, Vol. XVI; Coimbra, 1977. 161-165, p. 164.

sobre ele quase sem argamassa, que interpretamos como restos de um entulhamento da parte superior da *cavea*, que aqui seria feito com material cuja acumulação fosse mais estável do que as argilas que encontramos noutros cortes. Parece-nos também uma constatação importante a de que os três arcos e os seus muros limite funcionam como uma unidade estrutural e construtiva - na qual se integraria também a restante extensão de alçado - funcionando como um limite artificial imposto ao canhão rochoso. Este facto, que a construção solidária dos arcos da entrada oeste já indiciava, foi aqui verificado pela ligação homogénea dos topos das abóbadas, conseguida pelo nivelamento da construção, sem que os muros da base se prolonguem em altura.

O corte 8 levou à detecção da extremidade da abóbada tendo-se verificado que o seu entulhamento não tinha sido completo, sendo possível estudar o seu intradorso, em muito bom estado de conservação, através da abertura criada no corte pelo seu vão; no interior a compactação de sedimentos cria um vazio de mais de 1,5 m de altura.

A estratigrafia detectada é composta pelas seguintes camadas:

- camada 1 - terra superficial, humosa, castanha, pouco compacta (revolvida pelas lavragens).
- camada 2 - terra castanho acinzentado escuro, muito compacta, cobre completamente as estruturas.

- camada 3 (não visível no perfil apresentado) - terra idêntica à da camada anterior, com poucas pedras, preenche o espaço correspondente à cavidade que a abertura da abóbada criou, formando a superfície do enchimento interno desta, aí com muitos blocos de pedra, de várias dimensões.

- camada 4 - terra castanho avermelhado, solta, com muita pedra e argamassa. A sua reduzida compacticidade deixou um vácuo junto ao muro que, invadido por raízes, se mostra de cor sensivelmente mais escura.

- camada 5 - terra de cor cinzenta, fina.

- camada 6 - terra castanho claro com muita argamassa.

- camada 7 - terra cinzento acastanhado, compacta, relativamente homogénea.

A abóbada, em relativo bom estado, assenta num muro de que desapareceu toda a face restando o núcleo de argamassa.

O reduzido espaço da sondagem obrigou a interromper a escavação neste ponto.

Creemos importante verificar aqui a dissimetria das extremidades do eixo maior do monumento, que a menor dimensão desta abóbada lateral, em relação às suas opostas a oeste, bem testemunha. Devemos atribuir este facto a um acesso diferente por aqui realizado que, como veremos, supomos ser feito em direcção a um *maenianum* superior, enquanto as entradas laterais oeste dariam acesso directo à *ima cavea*.

Importante também é a verificação de que a face destruída do aparelho está coberta por camadas de material de construção arrastado, não perturbado posteriormente, o que nos leva a reiterar a afirmação de que o anfiteatro foi objecto de uma demolição que, ainda que não o tenha arrasado, destruiu toda a extensão possível sem afectar profundamente as partes estruturais cuja queda - devemos supôr - poria em perigo os próprios trabalhos ou necessitaria de meios de engenharia mais complexos; devemos em suma afirmar que, demolida a parte superior que não continha um enchimento de terras, foi retirado grande parte do faceamento interno e externo, deixando o maciço de *opus caementicium* até à cota em que os detritos da demolição cobriram o próprio muro. Certamente que da mesma forma os degraus da *cavea* terão sido levantados, sem que no entanto o enchimento propriamente dito tenha sido perturbado.

4. O CONHECIMENTO ACTUAL SOBRE O ANFITEATRO DE CONIMBRIGA

Temos ainda poucos dados seguros sobre o anfiteatro de Conimbriga para nos debruçarmos longamente sobre ele, mas, ainda assim, cremos que algumas observações merecem uma análise mais detalhada.

Começamos pela parte fundamental do monumento, a arena. Uma elipse de 70 por 36 metros define a sua área máxima possível marcada, no eixo menor, pelos restos da rocha de base que sem dúvida suportou os degraus *da cavea* e no eixo maior pela testeira da abóbada central da entrada oeste.

Na impossibilidade de, por ora, verificarmos os limites da estrutura segundo o seu eixo menor, estamos limitados a verificar que estas dimensões, cujo índice de alongamento é, ainda que não inédito, sensivelmente superior à média dos anfiteatros construídos sobre entulhamentos não compartimentados, devem ser tomadas na sua justa medida de limite máximo possível.

A cota de fundo da arena é-nos indicada, provisoriamente pela medição de um ponto da entrada oeste interpretado como o arranque do muro exento. Sem documentação fiável relativa à pesquisa não estratigráfica que conduziu a esta observação, devemos manter interrogado este dado.

A restituição que apresentamos, com uma arena de 36 por 48 m, responde a considerações tipológicas: uma arena tão larga quanto possível; devemos notar que as características particulares da localização do anfiteatro, implantado num canhão rochoso de paredes sub-verticais, em que os trabalhos de escavação e corte podiam ter implicações de vária ordem, nomeadamente devido às alterações cársticas do subsolo, pode ter ditado uma arena com um índice de alongamento maior. Receamos portanto apresentar uma restituição demasiado canónica relativamente à realidade e mantêmo-la sob reserva até confirmação de campo das dimensões básicas da estrutura.

A estrutura da arena é-nos desconhecida mas não consideramos impossível a existência de um subsolo. O perfil do canhão rochoso permiti-lo-ia e a pendente da sua linha de fundo autorizaria, em todo o caso, a existência de esgotos de fundo.

O muro do *podium* deveria estruturar-se junto a um corte da rocha de base, ainda que o perfil rectilíneo da depressão natural certamente não permitisse o uso extensivo de adossamentos. A existência de *carceres* no sector noroeste é uma possibilidade, se é correcta a nossa identificação dos vestígios que localizámos, mas é hipótese que necessita também de comprovação arqueológica.

O plano da base do monumento completa-se com as entradas axiais, dissimétricas.

A oeste temos três abóbadas de perfil fusiforme com gradientes entre os 6% (a central) e 7% as laterais), cobrindo uma extensão da ordem dos 14m (medidos no eixo da arcada central), enquanto a leste as abóbadas de berço, cujo vão é idêntico ao maior vão das opostas, cobrem um espaço bastante menor (cerca de 7m).

Esta dissimetria corresponde, sem dúvida, a uma diferente estruturação dos acessos, feitos em direcção à *ima cavea* por oeste e em direcção à *media cavea* por leste. Dos dois lados, no entanto, outros acessos, feitos provavelmente por escadas, levariam os espectadores a outros *cunei*.

Uma dissimetria semelhante ocorre em *Segobriga* onde as entradas axiais são também uma sobre muros paralelos e outra sobre muros convergentes¹⁷ e, mais marcadamente em *Aventicum*, onde só uma das entradas é de via tripla¹⁸. As necessidades a que esta solução técnica e arquitectónica dá resposta são, por agora, inidentificáveis, mas a criação de abóbadas de maior vão abertas para o lado do centro da cidade - onde, note-se, cremos plausível situar o *choragium*; - poderá ser uma delas.

A estrutura do anfiteatro era constituída por terras carregadas não compartimentadas - o perfil da rocha de base, reduzindo muito o volume necessário de entulhos, tornaria pouco importante a pressão lateral produzida por eles - à excepção provável das áreas sobre as abóbadas que, delimitadas pelos muros limite dos arcos marginais (os únicos que se elevariam acima do plano de fecho) seriam preenchidos por um entulhamento menos plástico, de blocos de tufo local - vantajosamente pouco denso - de que se encontraram ainda alguns restos.

¹⁷ COLVIN op. cit. nota 1, p. 119-120.

¹⁸ COLVIN op. cit. nota 1, p. 127.

Os entulhamentos das metades norte e sul da *cavea* utilizarian maioritariamente a argila avermelhada que constitui a capa de solo natural de toda a zona de Condeixa. Estes entulhamentos foram depositados sobre uma camada de blocos do próprio tufo e de outros calcários que cobre a rocha de base. A aparente inutilidade deste dispositivo só pode ser explicada por uma preocupação com os fenómenos cársticos que já referimos: uma camada de blocos poderia conter, ou pelo menos limitar, eventuais escorrimentos de terras por fendas existentes ou que se pudessem formar, impedindo o esvaziamento do enchimento e a perda de equilíbrio dos assentos.

O perfil do canhão onde o anfiteatro se instalou favorecia o facto de o seu muro perimetral se vir a desenhar, a sul, na parte alta da cidade, permitindo um fácil acesso à *suma cavea* aos espectadores provindos do centro da cidade. Este tipo de restituição impõe-se-nos, ainda que por ora nada sabemos desta parte do monumento; a estrutura escolhida para esta zona mantêm-se, portanto, um enigma.

Se, como nos parece, a restituição mais provável da forma da arena é a de uma elipse cujos eixos mediriam 48 x 36 m, o que conferiria ao monumento as dimensões gerais de 98 (confirmados arqueologicamente) por 86 m, restituindo uma *cavea* com 25 m de largo podemos estimar a altura original do monumento em cerca de 20 m, o que, tendo em conta que se cifra na ordem dos 15 m o encaixe no canhão rochoso, nos deixa o que seria o alçado situado na parte alta da cidade, virado ao seu centro.

Com uma *cavea* com uma área de cerca de 1675 m² o anfiteatro poderia ter comportado algo mais que quatro mil espectadores, o que o situaria na faixa média-baixa a baixa dos edifícios do seu tipo, sendo a sua dimensão da mesma ordem dos anfiteatros de *Albingaunum*, *Aquae Neri* ou *Thaenae*¹⁹.

É escassa a evidência interna de datação do monumento, os achados de cerâmica comum não permitem afinar uma datação precisa e só os poucos fragmentos de *terra sigillata* sud-gálica colocam um *terminus post quem* para o monumento em meados do séc. I d.C..

A muralha augustana de Conimbriga - que, como vimos, é necessário associar, ao menos em termos de projecto, ao anfiteatro - está datada, por evidências de uma fase de reparação, de antes dos meados do séc. I d.C., sendo o período tardo-augustano a tiberiano a cronologia que melhor se lhe adapta.

Por outro lado, uma datação pré-flaviana do anfiteatro permite melhor explicar a criação da rede viária a norte do *forum* flaviano (cuja construção se deve iniciar entre 75 e 80²⁰) se imaginarmos o anfiteatro já construído, do que se a atribuirmos a um projecto geral.

Desta forma parece correcta a datação julio-claudiana já apontada por Golvin, sendo talvez de a precisar no período claudio-neroniano, integrando-o num plano de construções que, dotado já o *oppidum* de um *forum* e de umas termas públicas no reinado de Augusto, virá a conferir-lhe o distinto recorte de uma cidade do Império.

No que respeita à história posterior do edifício, e sem indícios consistentes de remodelações ou reparações, resta-nos acrescentar que, tendo verificado, pela estratigrafia, que é bem provável que o anfiteatro tenha sido demolido para, numa pequena área, dar lugar à construção da muralha baixo-imperial e, na sua maior parte, para fornecer o material de construção que lhe era necessário; devemos colocar um ponto final na vida do monumento à data da construção daquela, que tem vindo a ser afinada pelo estudo de pontos localizados na cidade, podendo ser atribuída dos últimos anos do séc. III ao segundo quartel do séc. IV, tendo em vista o material recolhido em toda a zona extra-muros que não inclui peças claramente atribuíveis ao séc. IV avançado. Uma datação constantiniana parece de facto ser o limite máximo aceitável, sendo a Tetrarquia o período mais provável da sua construção. Na Casa dos Repuxos, que tudo indica ter também sido demolida nessa ocasião, confirmaram-se estas observações, pois materiais dos sécs IV e V aparecem só nos compartimentos do extremo leste da casa, onde sobrevivências de estruturas e reaproveitamentos podem ter acontecido, enquanto a presença relativamente importante de numismas de

19. GOLVIN op. cit. nota 1, p. 80-81 e 95-96.

20. ALARCÃO e ETIENNE op. cit. nota 1, *passim*.

Gordiano III e póstumos de Cláudio II auxiliam a precisar o limite inferior dessa datação no último quartel do séc. III, pelo mais cedo²¹.

A sobreposição que actualmente se verifica das construções da aldeia no local do anfiteatro deve ter a sua origem antes do séc. XI, data em que o núcleo populacional remanescente da área nordeste da cidade, não afectado pelas transformações ligadas à construção da muralha baixo-imperial, e menos afectado pela desertificação da parte central de Conimbriga provocada pela destruição do aqueduto no terceiro quartel do séc. V, deve encontrar nos vestígios do monumento material de construção facilmente acessível.

Conimbriga, Setembro de 1992

21. ALARCÃO, Adília M. e CORREIA, Virgílio Hipólito; *Os materiais e o edifício*; in GLEIRO, João Manuel Bainão. *Conimbriga-Casa e Retireos*; Conimbriga. Museu. 1992 (Corpus dos mosaicos romanos de Portugal I). pp. 143-158.

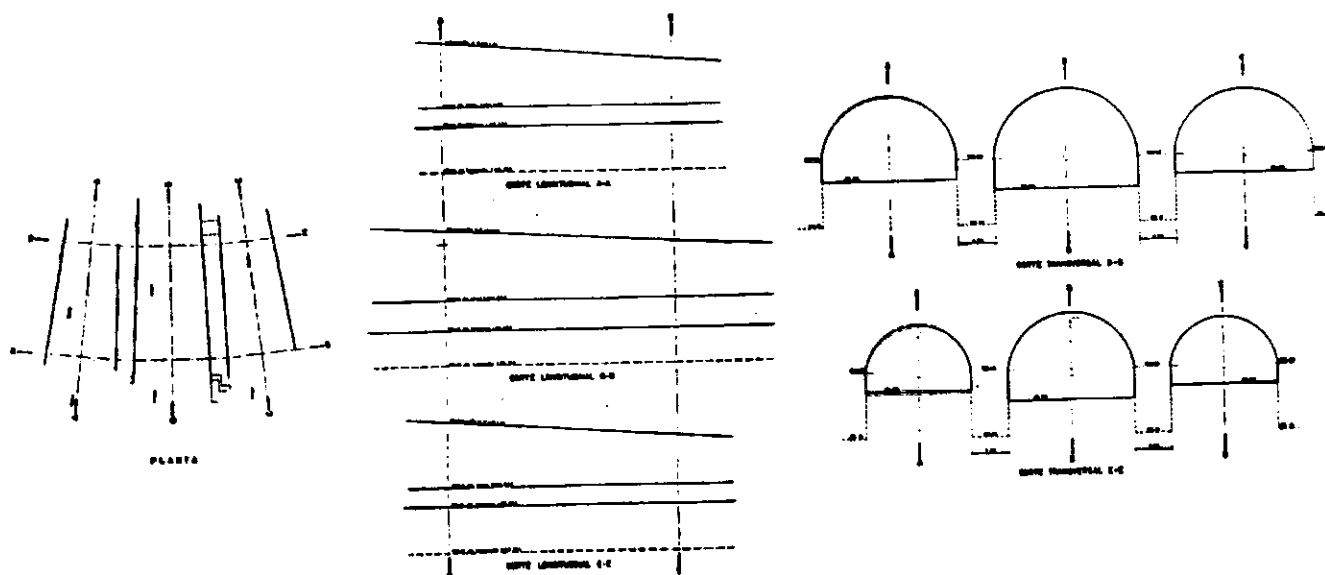


Figura 1.
Levantamento topográfico das
estruturas da entrada oeste.



Figura 2.
A "Casa do
tridente
e da espada"
durante os
trabalhos
de restauro.

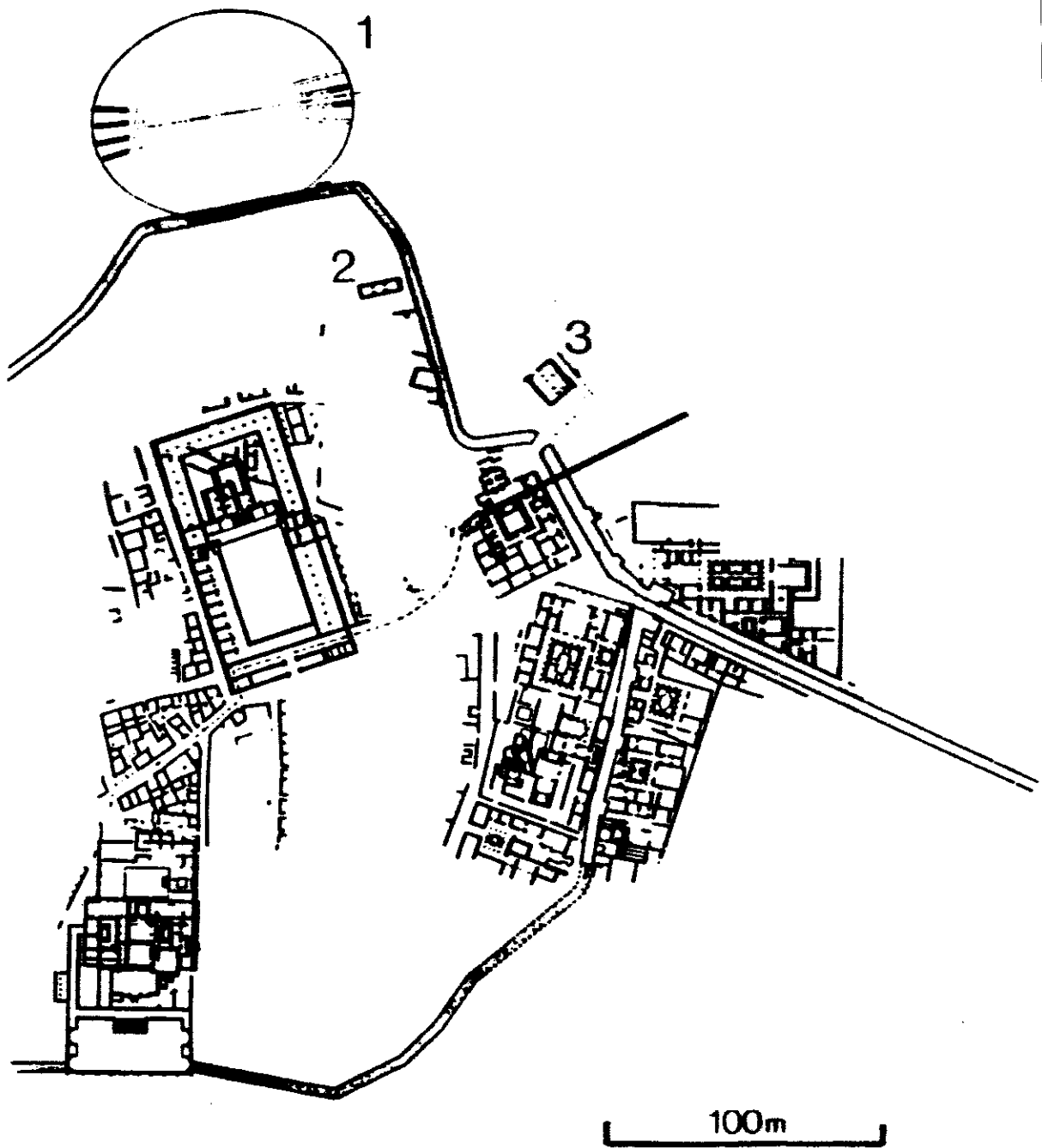


Figura 3. A área central de Conimbriga. 1 - anfiteatro, 2 - Casa do tridente e da espada, 3 - viaduto e edificio dos pilares.

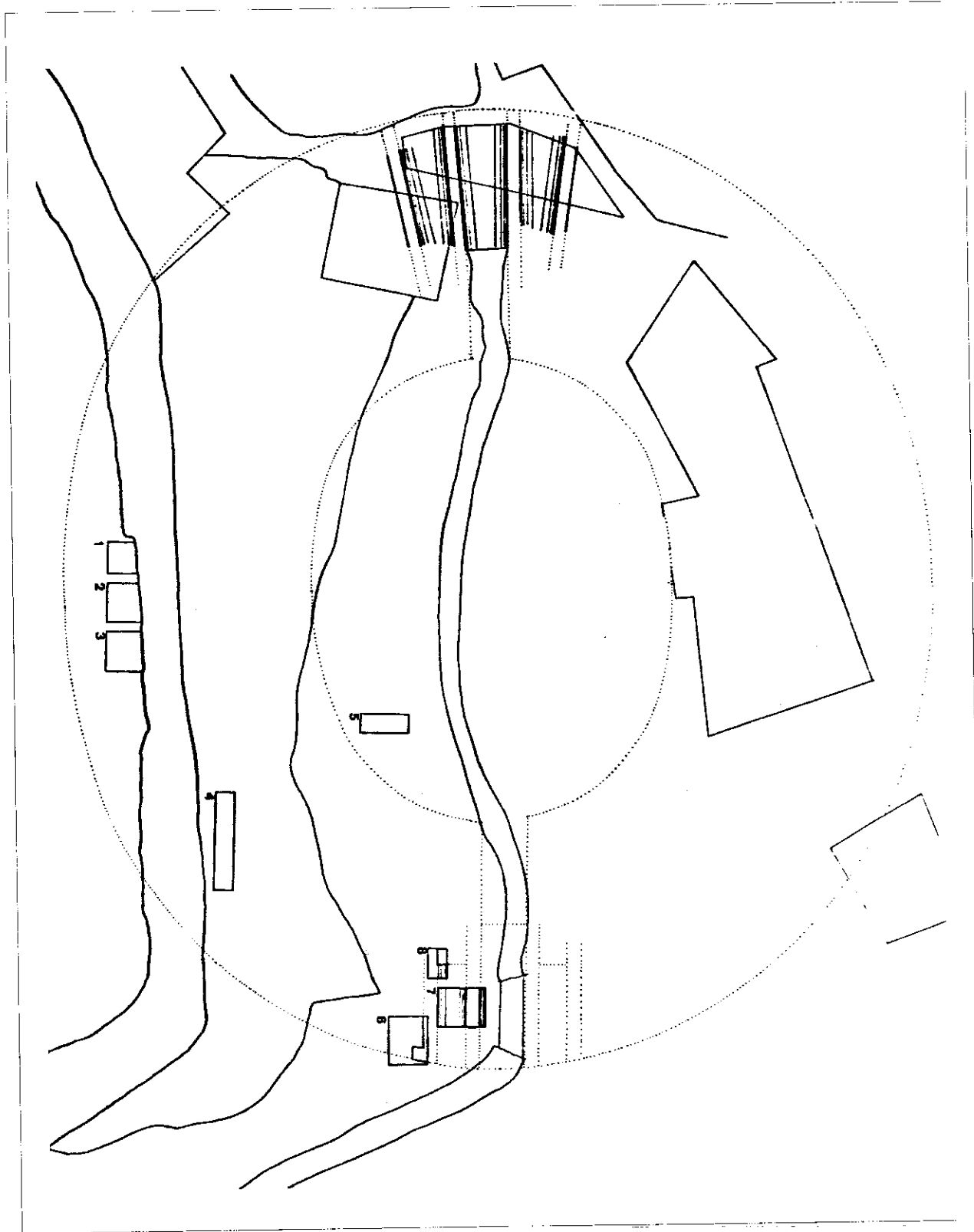
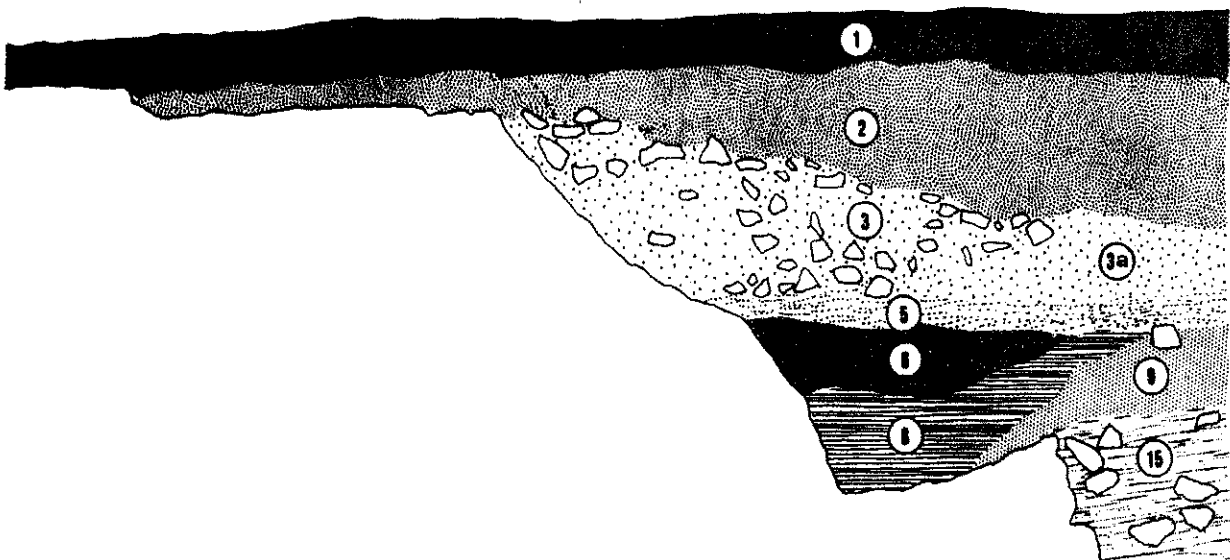


Figura 4. Planta da área do anfiteatro com a implantação dos cortes escavados (a pontado a restituição proposta para o seu traçado).



Figura 5.
Perfil estratigráfico do corte 4.

Figura 6.
Perfil estratigráfico norte do corte 6.



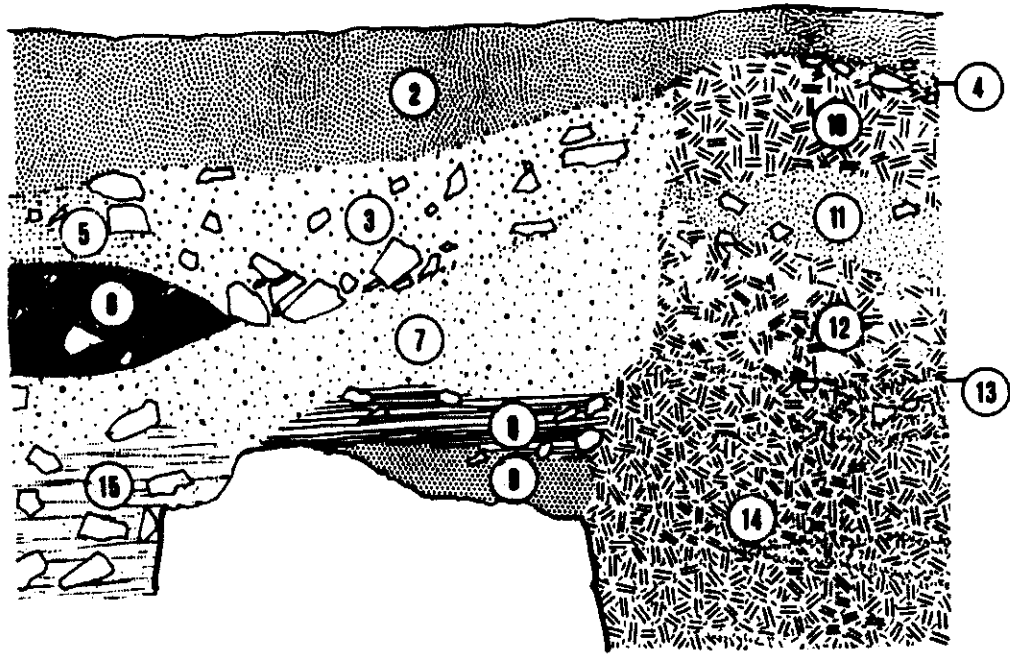


Figura 7.
 Perfil estratigráfico
 sul do corte 6.

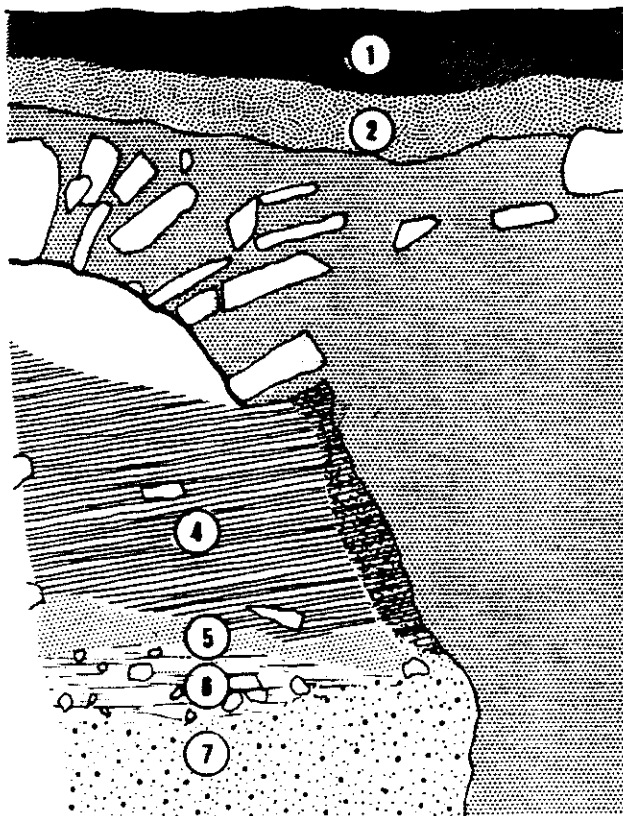


Figura 8.
 Perfil estratigráfico do corte 6.